PAULO SARMENTO

MILAGRE

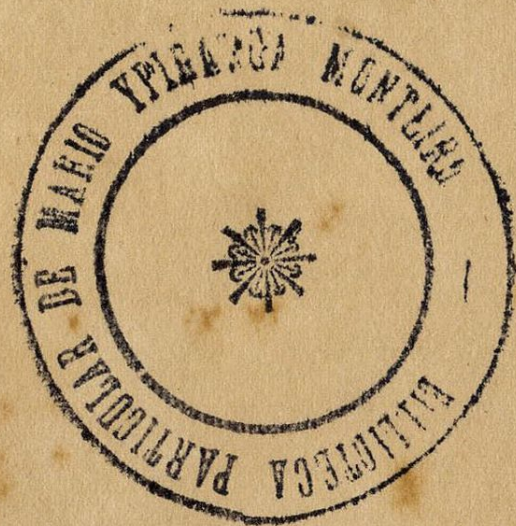
COMO

EU

Como maçãs d'oiro em
salvas de prata,
assim é a palavra dita
a seu tempo.
SALOMÃO.

VI

1927

PAULO SARMENTO

A' minha querida mãe,

D. Maria F. Sarmento

e aos bons amigos

Dez.dor Bonifacio de Almeida

Drs. Nathanael Cortez

Bezerra Lima

A. Teixeira Gueiros

José Duarte

Severino Silva

Octavio Costa,

Homenagem do

Autor.

A' GUISA DE PREFACIO

PAULO:

MILAGRE COMO EU VI... a linda scena dramatica versejada com aquelle carinho negligente, proprio das almas em alvorada, é uma estréa promissora.

Seguros não serão, de certo, os primeiros passos das creanças. Mas, nem por isso, deixa de haver muito encanto, belleza, graça, n'aquelles movimentos febricitantes, nervosos, gravitando entre o medo e a ansiedade, dos infantes que se querem firmar no solo, para encetar a caminhada ingrata, existencia em fora...

Li os teus versos, gosando a amavel revelação de teus pendores estheticos, num genero de poesia que, exigindo profunda technica, dia a dia se vae tornando mais raro...

Afóra o dramalhão, ou a comedia onde se ajustam lances de uma fina depravação de sentimentos e costumes, a que se chama de arte-nova, glorificando o suave viver de uma sociedade que decáe entre o saracoteio demoniaco do «charleston» e uma dose de cocaina; afóra esse genero, mazombo ou vasio, bem poucas vezes a nossa litteratura de theatro revela a alma requintada de um Del Picchia, falando a linguagem magica dos *pierrots* enamorados: —

«*E é tão doce sonhar!... A vida, nesta terra,*
Vale apenas, talvez, pelo sonho que encerra...»

Ah! O poema dramatico!

Foi a tortura gloriosa de Rostand, movimentando espadachins de floretes luzentes e afiados, nas justas cavalheirescas, á gloria da Gasconha e ao mesmo tempo despetalando, dos labios de Cyrano, lindas phrases de amor — lindas e cheias de vida como as rosas de França — para o beijo apaixonado de Roxana...

Vi-o de outra vez, fremindo entre os pannos de Arras, na sensibilidade fidalga de Julio Dantas, quando, no saxe transparente

de sua phrase nobre, sustenta, n'aquella suavissima profanação á austeridade do Vaticano, pela bocca do cardeal De Montmorency: —

« *Em toda a mocidade ha um riso da mulher...* »

O teu drama, de fundo moral tão elevado, é um ensaio, uma tentativa, que te deve encher de vaidade — uma vaidade honesta de quem sente o bem que faz...

Anda por ahi fora, uma juventude doida e descrente, intoxicando o sangue nas orgias dos *cabarets,* denegrindo a alma na pratica de uma falsa moral, que se esteia no luxo e no prazer...

Para ella, de certo, escreveste o MILAGRE COMO EU VI...

Os rapazes de hoje não acreditarão nos teus vigorosos vinte e tres annos, porque surges maldizendo

« *Aventuras de amor e beijos de mulher...* »

E aconselhas os mancebos incautos: —

«... *Evita o forte magnetismo*
De um olhar de mulher, de um olhar seducção,
Guarda tua alma pura e mais o coração... »

E quando ouvirem Mãe, a personagem torturada, dizer ao Filho fascinado pela bohemia elegante —

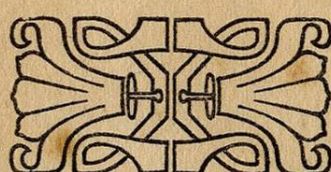
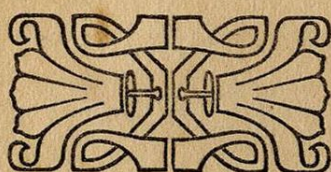
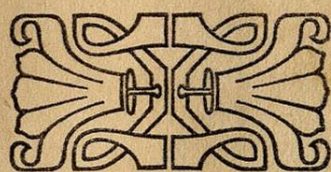
« *Só Jesus, filho meu, é nosso amigo eterno* »,

dirão, numa risada de perfumada piedade, ajustando ao hombro a curva da bengala de bambú: « esse poeta não conhece o Copacabana-Palace, nem ouviu nunca declamar a senhorita Zizinha!... »

O teu trabalho tem a virtude de um grito contra o vicio e a perdição. E se sobreviveres ao auto-de-fé que te prepara a critica severa dos iconoclatas que á custa de nada fazerem tudo destroem, has de produzir, para o futuro, fortes paginas de verso, em que venha relumar a estrella redemptora da verdadeira moral christã.

Vale.

Em 31 de Março de 1927. — Manáos.

FRANCISCO PEREIRA.

PRIMEIRO ACTO

Sala de visitas, modestamente mobilada. Sofá, poltronas, mesa de centro e cadeiras de vime.
Ao fundo, porta e larga janella, dando para um jardim.
Ao levantar o panno, a Mãe está sentada no sofá, lendo a Biblia. O Filho entra pela porta do fundo.

SCENA UNICA

MÃE

(Deixando a Biblia sobre a mesa)

Onde vaes, filho meu?

FILHO

Ao baile da Embaixada.
Vou sentir dentro d'alma o fulgor da alvorada...

Gosar a vida! A dança, ó minha mãe querida,
E' tudo que se gosa e se leva da vida!
O mundo é tão ingrato... E a vida é tão fugaz...
Porque choraes, ó Mãe?

MÃE

Pena de ti, rapaz!

FILHO

Acaso esta alegria é para vós tristeza?

MÃE

Como folha que cae, que tomba á correnteza,
Vaes, meu filho, correndo á procura do mar
Do peccado e da morte...

FILHO

O' minha Mãe, gosar
A vida é corôar de loiro a Mocidade;
E' quasi ser um Deus, é ter a eternidade
Resumida num dia!

MÃE

O' filho, te detém!
Logo após á blasphemia, eis que o castigo vém!
Não blasphemes assim! Eu vejo no teu rosto
O fulgor da alvorada e a magua do sol posto.
A ventura do mundo, assim, como tu queres,
— Aventuras de amor e beijos de mulheres, —
E' coisa de um minuto, e tudo se desfaz!

FILHO

Em tudo vibra o amor!

MÃE

Enganas-te, rapaz!

FILHO

Corre vertiginosa e delirante a vida...
E gosar é viver...

MÃE

...e depois a ferida,
Que sangra e contamina um coração escravo...

FILHO

Ora, querida Mãe, ha doçura no cravo,

Que prende um coração no madeiro do amor!
De cada ferimento, eis que surge uma flor!
Quem semeia a tristeza ha de côlher o pranto.
Quero viver, gosar, sentir da vida o encanto!
E o perfume da flôr... que symbolisa a vida,
Pode em breve findar! Gosemos, Mãe querida!

MÃE

Filho, o goso é cruel, é torpe maldição!
Gosar sem ter um Deus, sem crer na salvação,
E' caminhar na treva e regeitar a luz!
E' sorver, gota a gota, um calice de puz!
E no baile — quem sabe, ó filho? — o que te espera?!
Talvez uma mulher, um coração de féra,
Dragão de Satanaz, fauces rubras em par,
Que chama num sorriso e prende num olhar,
Que num beijo envenena e num sorriso traz
Grilheta que te prende ao torpe Satanaz!
A mulher, filho meu...

FILHO

...é a flôr que mais adoro!
Deusa feita de carne, a quem chorando imploro
O milagre de um beijo, o remedio feliz...
Que transforma nossa alma...

MÃE

...em torpe meretriz.

FILHO

A mulher, minha mãe, a mulher me fascina!

MÃE

Mas tem opio no olhar, e no beijo morfina...
Tem cuidado, meu filho, a luz nem sempre brilha.

Para mostrar ao nauta a salvadora trilha.
Vê que o olhar da mulher, se traz a claridade,
Traz a morte tambem... raro a felicidade.
Se te faltar dinheiro ou te faltar vigor,
Não haverá mulher que te dedique amôr.
Somente me terás para chorar comtigo,
Debruçado ao meu colo, ao meu regaço amigo.
Que restará depois?

FILHO

Sempre a felicidade!
Amigos tenho cem, nesta grande cidade!
Tenho amigos barões e mesmo generaes,
Tenho um conde, um marquez... todos, todos leaes.
Ha pouco mais de um mez, eu caminhava só,
Caminhava cansado e coberto de pó.
E o meu corcel ligeiro estava fatigado,
Parecia um barão ou mesmo um deputado,
Quando vem de um jantar tristonho e vagaroso,
Escorado á bengala, em tom cerimonioso.
Mas, na curva da estrada, o cavallo se espanta,
Atirando-me ao solo, a mim, a sella e a manta.
Mas passava o Marquez, e correu pressuroso,
Levantou-me do chão, tão meigo e carinhoso,
Como o pode fazer um amigo sincero.

MÃE

Que fizeste depois?

FILHO

Agradecer eu quero.
Elle impede, porém, dizendo com doçura:
«Não ha que agradecer! Eu ia ver o Cura,
Rogar-lhe me emprestar uns dois contos e tanto,
Para dar um presente, uma barrette, um manto
A' senhora Marqueza»...

O' Marquez, meu senhor!
(Eu disse promptamente) eu vos peço um favor:
De consentir eu dar o presente por mim!
Elle me disse a rir: «Pois bem, que seja assim!»
Amigos, minha Mãe, nesta grande cidade,
Eu tenho mais de cem! Goso a felicidade
De nos seus labios ver sempre a mesma alegria!
Vós, que vêdes, ó Mãe?

MÃE

Somente a hypocrisia!

FILHO

Tenho mil corações debaixo do meu jugo!
Todos elles me são...

MÃE

(atalhando)

...cada qual um verdugo!

FILHO

Pessimismo demais...

MÃE

...Fructos da experiencia!
Que te vale o saber? a fortuna? a sciencia?
Se não andas com Deus, se não vives na luz?...

FILHO

Não creio em vosso Deus! E no vosso Jesus!
A materia é que vive! O mundo é que me apraz!
Porque choraes, ó Mãe?

MÃE

Pena de ti, rapaz!

(Ha silencio na scena. Elle vae á janella que dá para o jardim. A Mãe fica chorando.

Uma estrella cadente precipita-se no espaço. Fóra, na rua, alguem canta ao violão).

O'! Bella estrella cadente!
Porque tombas? Porque caes?
Em teu brilho refulgente,
Formosa, para onde vaes?

Em teu louco desvario,
Atravessando amplidões,
Não sentes da noite o frio,
A gelar os corações?

Porque deixas das alturas,
As estrellas scintillando?
Acaso não tens venturas?
Vives no espaço penando?

Ah! se julgas, encantada,
O bem no mundo encontrar,
Estrella, estás enganada,
O Mal só podes achar!...

Volta aos céos, volta ás alturas!
Estrella, para onde vaes?
Queres encontrar venturas?
Porque tombas? Porque caes?

Mas a estrella proseguindo,
Indifferente aos meus ais,
Vae como os sonhos, fugindo,
Lançar-se nos lodaçaes!...

Sobem tambem ás alturas,
A fugir dos corações,
A' procura de venturas,
Nossas meigas illusões.

Depois de surtos brilhantes,
Anceios da Mocidade,
As illusões arquejantes,
Tombam, deixando a saudade...

(A voz cala-se. A Mãe dirige-se á janella.)

MÃE

Ouves, filho, esta voz?

FILHO

E' a voz de um descontente.
Um pobre desgraçado, um coração doente,
Que não sabe gosar, suffocando a tristeza,
Fazer nascer no lôdo um mimo de belleza,
Uma flor, uma rosa, um botão entreaberto,
Andar num paraiso, estando no deserto.
Gosar!... Eis o viver...

MÃE

Não! Se vive soffrendo,
Pois se nasce chorando e se morre gemendo.

FILHO

A vida é como a aurora...

MÃE

...e, como um barco á vela,
Corre ao sabor da brisa e ao furor da procella.

FILHO

Vertiginosa é a vida...

MÃE

...e como um rio corre...
Vae-se amando e soffrendo, até que a gente morre!

FILHO

Envelhecer sorrindo e sorrindo morrer,
Eis, minha Mãe, a vida!...

MÃE

...e o que te faz perder!

(mostrando um velho que passa na rua)

Não vês aquelle velho, andrajoso e nojento?
Teve o teu proceder e o mesmo pensamento.
Era jovem, formoso, estudava direito,
Eterno vagabundo, um devasso perfeito.
Tinha muito dinheiro, amigos não faltavam,
Tinha força e vigor, todos o procuravam,
Até que o pae morreu...

FILHO

(com sarcasmo)

Oh! que felicidade!
Com tamanha fortuna achar-se na orphandade!
E depois, minha Mãe?

MÃE

O mundo e a maldição.
Mundo, dinheiro e carne — eis toda a perdição!
Elle tudo esqueceu, fez da vida uma orgia,
Trocava com prazer a noite pelo dia...
Amantes teve mil, tornou-se um seductor,
Um degradante monstro...

FILHO

O' minha Mãe, o Amor
Vivifica nossa alma!...

MÃE

...e nos leva ao abysmo!

Evita, ó filho! Evita o forte magnetismo
De um olhar de mulher, de um olhar seducção!
Guarda tua alma pura — e mais o coração!
Pois o amor da mulher é fogo que crepita,
E que, minando, mata! O' filho meu, evita!...

FILHO

Mas a mulher á vida... é o amor... é o amor...

MÃE

Só te pode levar ao desengano e á dôr!
Cada palavra sua é como uma serpente,
Magnetisa no olhar, e fére impenitente!

FILHO

O' Mãe, vós sois mulher...

MÃE

Voltemos ao passado.
Fallàvamos do velho, o velho desgraçado,
Andrajoso e sem pão, por todos esquecido...

FILHO

Que não soube viver...

MÃE

...e julgou ter vivido.
De peccado em peccado, elle foi como um rio,
Lançar-se, como louco, ao mar do desvario.

FILHO

E depois, minha Mãe?

MÃE

A fortuna acabou.
E como um velho barco, um dia sossobrou.

Agora elle é destroço, um barco abandonado,
Pelas ondas do mar ás praias foi lançado.

FILHO

Que lhe resta fazer?

MÃE

Soffrer a rude sorte;
Esmolando viver até que chegue a morte.

FILHO

A morte, minha Mãe, a morte me apavora!

MÃE

Amedronta tambem ao velho que, lá fóra,
Geme de frio e fome, e não tem lar nem luz!

FILHO

Mas teve uma fortuna...

MÃE

...E não teve Jesus!
Só Jesus, filho meu, é nosso amigo eterno,
Que nos traz alegria e nos livra do Inferno,
Onde as almas dos máos, dos impios peccadores,
Hão de soffrer no fogo e se estorcer de dôres.
Como a folha se estorce ao fogo da queimada,
Chora, geme, esbraveja uma alma condemnada!
Não tem uma esperança, um sonho passageiro,
De sahir, de fugir do eterno captiveiro...
Está presa de todo e não tem mais encanto,
E nutre-se da Dôr, mergulhada no pranto.

FILHO

Eu conheço este Inferno, eu conheço esta dôr!
A dôr de ver trahido o mais sincero amor!
Qual noite de tormenta ao estalar do raio,

A natureza toda é um mixto de desmaio.
Assim nossa alma vae aos poucos se acabando,
E vae agonisando... e vae agonisando...
Até que a phenix nova, a phenix da saudade,
Como a linda manhã, em plena claridade,
Faz-nos resuscitar...

MÃE

O' filho te detém!
Logo após a blasphemia, eis que o castigo vem!

FILHO

E que vale o castigo? Em nada se desfaz!
Porque choraes, ó Mãe?

MÃE

Pena de ti, rapaz!

FILHO

Quem foi que nunca teve uma fatal paixão,
Que enlouquece e fascina um pobre coração?
Nunca amastes, ó Mãe?

MÃE

Eu trago de memoria
Um conto verdadeiro, uma fatal historia...

FILHO

Uma historia de amor?

MÃE

Oh! sim, meu filho amado!
Uma historia de amor, um sonho do passado,
Flor que espargia aroma e transformou-se em dôr.

FILHO

Como deve ser triste!...

MÃE

Esta historia de amor,
Eu guardo com carinho, occulta no meu peito.

FILHO

Um amor infeliz?

MÃE

Não! Um sonho desfeito.
Era uma jovem bella, um typo de princeza,
Tinha encanto no olhar, na palavra firmeza
E na voz melodia e nos olhos a luz;
Um vulto de mulher que prende e que seduz.
Era sosinha e triste, até que certo dia

FILHO

O sol do amor raiou...

MÃE

...vibrando em alegria
Seu coração de moça e seu formoso olhar...

FILHO

Começou a viver...

MÃE

E começou a amar!

FILHO

Casaram-se depois?

MÃE

Não! Elle foi trahido!
E um dia, sem razão, foi por ella esquecido...

FILHO

E qual foi o motivo?

MÃE

Um outro pretendente.

FILHO

Que tinha mais saber?

MÃE

Dinheiro unicamente.
Oh! Meu filho! A ambição é um monstro que trucida,
Tem azas de vampiro e nos embota a vida.
Vae aos poucos sugando, e vae sugando ainda,
Vae as azas batendo até que tudo finda.
Tomba-se exangue, então, e surge a realidade,
Torna-se tudo negro e vem a tempestade,
O raio que fuzila e como dôr caustica!

FILHO

E o coração, que sente?

MÃE

Apavorado fica.
E aquelle velho amor que se julgou findar
Das cinzas resuscita e nos vem accusar...
E' o remorso, a tristeza, a amargura, a saudade!

FILHO

Oh! quanto ella soffreu!

MÃE

Quanta infelicidade!
A amargura que vem depois de uma trahição,
E' mais forte que o mar, ferve como um vulcão.
As lavas do remorso, enegrecendo a vida,
Tornam cada illusão...

FILHO

...numa horrenda ferida.

MÃE

O' filho, dizes bem, é tudo dissabôr...

FILHO

Não se esquece um amor!...

MÃE

Não se esquece um amor!
Pois o amor verdadeiro é como o velho mar,
Não se pode conter.

FILHO

Não se deixa de amar!
Maldita seja, pois, ó minha Mãe querida,
A mulher que trahiu, que zombou duma vida,
Desprezando um amor por simples ambição!
Sim! Que possa viver em sua humilhação,
Sem ter uma alegria, um só dia de paz!
Porque choraes, ó Mãe?

MÃE

Silencio, meu rapaz!
A mulher que trahiu...

FILHO

...E cujo amor vendeu...

MÃE

(baixando a cabeça, envergonhada)

Esta mulher fui eu! Esta mulher fui eu!...

CAE O PANNO

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO

(Ha silencio na scena. Ao levantar o panno, o Filho entra pela porta á E. A., prompto para o baile. A Mãe está sentada ao sofá e chora. O Filho sem a ver recita, endireitando a gravata)

SCENA UNICA

FILHO

(recitando)

Diz o pobre o palacio contemplando:
«Quantos sonhos gentis, quantos amores,
Quanta ventura lá por dentro andando,
E no casebre, quantos dissabores!»...

E o rico, quantas vezes, soluçando,
Alma repleta de illusões e flores,
Vendo no peito a dôr desabrochando,
Ha de invejar as choças dos pastores?!...

Insaciavel e louca humanidade:
Perseguindo a miragem do Futuro,
Embora viva na felicidade!...

Entre dias alegres e tristonhos,
Has de sempre viver na Desventura,
Sempre avistando a Chanaan dos Sonhos!

(A mãe ergue a cabeça e pergunta)

Se fére o coração, á nossa alma redime!
E mais forte que o ferro, e mais do que o granito,
Nossa alma synthetisa a amplidão do Infinito,

MÃE

Lastimo teu futuro!...

FILHO

...O presente é que é tudo.
O Futuro é qual Deus, eternamente mudo...
Mas o Presente é goso! Eu ouço businar.
O automovel que chega. Adeus! que eu vou dançar!

(Elle beija a testa da velha Mãe que chora,
e sae cantando)

«Quero viver...
Viver entre mil flores,
Onde a brisa que passa e que cicia,
traga sorrisos mil
e mil odôres,
de venturas, de amor e de alegria.

Quero ouvir o cantar do passaredo.
Cantar
sua balada juvenil,
seu risonho sentir e seu segredo!...

Amar
tudo aquillo que é bello e que é divino.
Tudo que traduzir o meu destino,
Quero cantar ...cantar...

Pisar, sobre o tapete de verdura
do campo bem florido
das minhas illusões.
Gosar da minha vida
As meigas seducções.

E sorver,
e sugar, na corolla da ventura,
tudo o que a vida tem:
prazeres, tentações e mil desejos,
e conquistas de amor,
este eterno vae-e-vem,
dos abraços e beijos,
Quero cantar ... cantar...

E tudo que na vida
fôr doce seducção,
eu desejo abrigar
dentro do coração!

Sol! Luz! Amor! Encantos e perfumes!
Lumes
de tentação!
Meigos sonhos da vida:
flores,
amores,
illusão sentida,
meigos encantos que eu quero cantar...
...e gosar... e gosar...»

(A Mãe fica sosinha. Ouve-se o businar do auto. Um raio fére o espaço. A Mãe, chorando, ajoelha-se e óra).

MÃE

O' Deus! O' Santo Deus! Santo Deus de Jacob!
Deus de Isaac e Abrahão! Como eu me sinto só!
Omnipotente Deus, eterna luz do mundo!
Tu que fizeste a terra, o sol, o céo profundo,
As estrellas, o mar, a rude penedia,
O mar encapellado, a torrente sombria —
Ouve-me neste instante, oh! Deus de eterno amor!

Tu que fazes brotar no pantanal a flôr!
Que fazes de um carvão um formoso diamante,
De um negro coração, esplendido brilhante,
O' Mysterioso Ser! Tem de mim compaixão!
Oh! vem apasiguar meu triste coração!
Um coração de Mãe, que vive allucinado,
Que morre lentamente, ao ver o filho amado,
Como folha que cae, que tomba na torrente,
Caminhando veloz — ó Deus omnipotente! —
Para o mar do peccado, o mar da perdição!
Oh! vem illuminar seu negro coração!
Elle é toda a alegria, é todo o meu encanto,
Cada blasphemia delle é para mim um pranto,
Um espinho cruel que me fére e trucida,
Que me rouba o socêgo e me acabrunha a vida!
Lá fóra, no jardim, ó Deus, mil e uma flores,
Na corolla gentil occultam seus odôres,
Com receio, Senhor, que a chuva os vá roubar!
E eu não posso no seio o meu filho abrigar!!!

(Chora)

Só Tu, vida, phanal dos pobres peccadores,
Só Tu pódes, Senhor! accalmar minhas dôres!
Lá fóra ruge o vento, o rio se encapella.
E o meu filho atravessa o furor da procella.
O' Deus! Tem compaixão do meu grande soffrer!
Se ha de morrer meu filho... eu prefiro morrer!
Perdão! Senhor! Perdão! Se agora blasphemei!
Meu filho é minha vida, é tudo quanto amei.
Casei-me sem amor, vivi num captiveiro!
O meu filho, Senhor! — foi meu amor primeiro!
Esse homem que eu amava e um dia desprezei,
Elle morreu de dôr, e sorrindo fiquei.
Agora eu sinto n'alma o remorso bramir.
O punhal da vingança a meu filho luzir!

Sua alma está perdida, ó Deus, tem compaixão!
Oh! vem illuminar seu negro coração!
Que tristeza infinita! Oh! Que melancolia
Que esta noite chuvosa, horrenda, escura e fria,
Vem trazer ao meu velho e triste coração!
O' Deus! Senhor meu Deus! Tem delle compaixão!
Que brilhe no seu peito a salvadora luz!
Que elle venha saber todo o amor de Jesus!
A tempestade ruge, a noite está fechada!
Já não posso soffrer! Como sou desgraçada!
Como sou desgraçada!

(Neste momento o filho entra pela porta do fundo. Traz o braço ferido, envolto em tiras de panno. Na testa e na face, esparadrapo).

FILHO

(cahindo de joelhos)

O' minha Mãe, perdão!

MÃE

(levantando-se)

Tu aqui, filho meu?!

FILHO

A vossa compaixão!...

MÃE

Mas, filho, estás ferido! O que te succedeu?

FILHO

Nada de mais, ó Mãe, foi Jesus venceu!
Sosinho eu caminhava. O automovel corria,
(Tudo era escuridão) por entre as trevas ia,
Como horrivel titan de olhar incandescente.
Eu fallava sosinho e dizia na mente:
«Maldito seja o Deus que fez a tempestade!
Se é que este Deus existe!»

MÃE

(com horror)

Oh ! que temeridade !

FILHO

Mas um raio luziu na escuridão da noite.
Então, Deus me mostrou, em seu igneo açoite,
A sua omnipotencia, o seu amor sem fim,
Capaz de transformar um monstro em cherubim !
Veiu o raio ferir uma altiva palmeira,
Que rugindo tombou, vindo cahir certeira
Sobre o auto em que eu ia...

MÃE

(com espanto)

O' ! meu filho querido !

FILHO

O choque foi tremendo eu me senti ferido.
Depois... nada mais sei ! Estava na Assistencia.
Conversava sosinho, eu fallava á Consciencia.
O braço fracturado, em chamma o coração,
Parecia que eu tinha uma allucinação.
Eu vi todo o negror de minh'alma sombria,
Mais negro o coração do que esta noite fria !
Era o velho Remorso a conversar commigo.
Repassado de horror, no meu silencio, digo :
« Meu coração é um forte ha muito abandonado,
Onde estruge, onde espuma um mar encapellado,
Mar que fére de dôr a penedia bronca,
Que se estorce, que geme e se esbatendo ronca,
A batalha passou com o seu pincel de sangue,
Colorindo de rubro o monte, o valle, o mangue.
Quando a voz dos canhões a terra sacudia,

Enfumaçando os céos, enegrecendo o dia,
E vestindo de luto a selva, o mar, a terra,
O rio, o valle, o sol, o campo, a fonte, a serra —
O forte estremeceu! Da torre mais possante,
Louco de gôso e dôr, numa ansia delirante,
Frio, mudo, sem mais aquelle brilho antigo,
Quiz ver inda uma vez os olhos do inimigo!
Quiz mover o pharol e em vão a luz procura
Accender, para alçar na immensidade escura,
O seu ultimo adeus de forte moribundo,
Que zombava de Deus, que se ria do mundo!
Tudo em vão! Tudo em vão! E o forte abandonado
Dava gritos de dôr, uivos de cão damnado.
Nelle foram morar as féras mais cruentas:
Os tigres, os chacaes, as pantheras sedentas
De luxuria e de gôso, arena do peccado...
Tudo foi habitar no forte abandonado.
Eram jaulas de ferro as entranhas do forte,
Donde fugira a luz, para habitar a morte!
Se dantes o pharol divisava o infinito,
Pelas franjas do céo, nas torres de granito,
Tudo vibrava em gôso e tudo era ridente,
Como se um novo sol despontasse no poente.
Mas o pharol agora é como um paralythico,
Não se pode mover, respira um gaz mephitico.
Tem arrancos de toiro e lascidão de pedra,
Donde não surge a vida, onde a tristeza medra.
Estorce-se de dôr, quer estirar o braço,
Estreitar o infinito, estrangular o espaço,
Encher com sua dôr este abysmo profundo,
Os astros esmagar, anniquillar o mundo...
Mas o velho pharol é como um monolytho,
Não se pode mover, tem membros de granito.
Enquanto no seu bojo os tigres e as pantheras

Fazem da carne um pasto, um banquete de féras,
Embora sopre o vento e a tempestade estruja,
Ha gemidos na torre, ha gritos de curuja.
E triste e solitario, o forte abandonado
Dava gritos de dôr, uivos de cão damnado!
Certa noite, o pharol da torre de granito,
Viu raiar uma estrella aclarando o Infinito.
Um milagre, talvez, uma historia de fada,
Transformando o negror em mystica alvorada!
Milagre! Sim! Milagre! A Luz venceu as trevas,
Como no dia em que nas solidões primevas,
Deus fez nascer a Luz — o destimido açoite
Que bate, espanca e vence a morbidez da noite.
E rugindo, brutaes, as féras iracundas,
Temerosas da luz, fugiram, furibundas,
Do forte abandonado! E tudo agora vibra,
Neste jardim de luz, onde a torre se libra.
Céos e terra! Vibrae! O forte abandonado
Transformou-se, por Deus, em jardim encantado.
Tudo vinga e floresce, e tudo se inebria,
No perfume do amor, no espasmo da alegria!
Lá, no pharol da torre, uma luz sempre brilha,
Mostrando ao navegante a verdadeira trilha,
Que leva á Salvação, o porto mais seguro,
Quer seja o barco fraco ou seja o mar escuro!
Pois que a Estrella é Jesus, o Forte o coração,
O barco a doce Fé e o porto a Salvação!

MÃE
(vibrando de alegria)

E agora, crês em Deus?

FILHO

No Deus omnipotente!
No Deus que tudo vê, no Deus omnipresente,
Que fez a terra e o céo, que fez o sol e a luz,

Que nos deu salvação no sangue de Jesus!...

MÃE

Ajoelhemo-nos, filho!

FILHO

O' minha Mãe, oremos!

MÃE

Agradecer a Deus...

FILHO

A ventura que temos.

(Ambos ficam de joelhos)

FILHO

(orando)

O' Deus de infindo amor? O' Santo Deus bendito!
Tu, que és Senhor da terra e Senhor do infinito!
Tu, que és fonte de luz, eterno Deus de amor!
Tu, que fizeste os céos, a terra, o cravo, a flor,
O velho mar que espuma, a brisa que cicia,
Para as trevas do Mal, o fulgor da alegria!
Só Tu, Deus e phanal deste universo inteiro,
Onde soffre, onde geme, o pobre caminheiro,
Homem fraco, sem Fé, filho da desventura,
Do vicio e do peccado e fructo da amargura!
Só Tu, que és todo o Bem, eterna Luz que brilha,
Só Tu podes mostrar a verdadeira trilha
Ao pobre peccador desgraçado e sem pão,
Que vive sem ter paz e luz no coração!
Quizera ter na vóz o bramido do mar,
Para poder bem alto o Teu nome louvar!
Ventos! Mundos! Vibrae! E a Deus glorificae!
Estrellas! Fontes! Céos! Mares! Rios! Cantae!
Deus de todo o Universo, e de toda a Creação,
Elle é senhor do raio e zomba do vulcão!

Os montes do Himalaya, os altos Pyrineus,
O poderoso mar, os arcanos dos ceus,
As estrellas, o sol e todos os planetas,
Mundos, constellações e lepidos cometas,
Tudo canta louvor ao Deus omnipotente!
Desde os monstros do mar aos peixes da torrente,
Da linda borboleta ao meigo beija-fôr,
Da pombinha gentil ao valente condôr,
Da voz da Natureza ao perfume da rosa,
Do passaro que canta á alvorada radiosa,
Tudo canta louvor! Tudo canta louvor!
Ao Deus omnipotente, ao justo Deus de Amor!
Meu cerebro reluz como um vulcão humano!
Eu vejo dentro da alma a amplitude do oceano!
Brilha mais do que o Sol a minh'alma na luz,
Que vem dos altos céos, do Throno de Jesus!
Estou salvo! Estou salvo! Oh! Que felicidade!
Não me apavora a morte. Eu tenho a Eternidade,
Onde irei desfructar as venturas do Além,
Ao lado de Jesus!

MÃE E FILHO

Amem! Amem! Amem!